

— De que ris, Neco? perguntou-lhe a cozinheira, suspeitosa.

— De nada, respondia o Neco, sorrindo de novo e saindo a assobiar para o terreiro.

## CAPÍTULO XIV

ALÍPIO, forte como nunca, já havia marcado mais de um dia para o seu regresso; mas esse dia chegava sem lhe trazer a resolução de partir. A sua indecisão era logo auxiliada pelas instâncias do capitão Galdino e do Asclepiades: que ia fazer na cidade? Aborrecer-se com as coisas da politicagem e cansar-se no júri, cujas sessões iam começar. Deixasse lá o Pinheiro arranjar-se com essas maçadas. Talvez não fosse prudente dar que fazer já à goela... E Alípio ia ficando. Junho corria; as flores começavam a desaparecer pouco a pouco dos campos. A manjerioba e o mata-pasto vageavam; a temperatura caía sensivelmente, redobrando a amenidade das manhãs, cuja frescura se prolongava até altas horas do dia.

Florzinha andava num alheamento, numa inconsciência dos acontecimentos que haviam determinado a situação presente: a mesma onda que lhe arrebatara o amor de Matias a impelia para Alípio, sem que ela tivesse forças para fugir-lhe, embora não acreditasse muito que fosse amada, nem sentisse que o amava como amara ao outro. E a debater-se, meio vencida, nessa incerteza, cheia de temores, não via uma esperança de amparo senão na promessa de sua mãe ausente. Mas seu coração aflito já não tinha motivos para resistir, ermo como estava do afeto primeiro e sagrado que lhe fugira para abrigar-se no coração da prima. Aproximava-se a partida de Alípio, e a perspectiva de uma declaração formal por parte dele trazia-a num estado de superexcitação febril, numa angústia por vezes intolerável. Que lhe responderia? Ah! bem sentia que a sua resposta seria unicamente lágrimas. E fugia-lhe sempre, obstinadamente, para evitar o temeroso instante.

Alípio, porém, não fez a declaração tão temida por ela e tão suspirada pela família. Na véspera de seguir para Ipuçaba disse em confiança a Luizinha que pediria a mão de Florzinha logo que voltasse da Capital, onde ia tratar de negócios urgentes.

— Salvo que ela me recuse, acrescentou com um sorriso de consulta.

— Ora essa! Não tenha dúvida a esse respeito.

Asclepiades foi informado da confiança, e, embora achasse a promessa pouco decisiva, exultou, crente de que, antes da partida

de Alípio, fatos mais definitivos ocorreriam. “O melhor de tudo era seguir já casado”, monologava o coletor, perdendo-se em planos para “precipitar os acontecimentos”.

Daí a três dias Alípio partia, finalmente, com Asclepiádes, ao qual não foi possível levar a filha na mesma ocasião. Luizinha acompanhá-la-ia mais tarde, pois tinha de aproveitar a estada do Florêncio, que fazia de dentista nas horas vagas.

No dia seguinte devia realizar-se o júri do Zé Pipoca, denunciado e pronunciado às pressas para aproveitar o prestígio já oscilante do Chico Herculano. Alípio entrou na cidade à noite, com um formoso luar, que dava à cidadezinha repousada e silente uma estranheza deliciosa. E nessa mesma noite encheu-se a casa de visitantes, prevenidos de sua chegada pelo órgão abelhudo do Casimiro. A situação piorava de mais em mais; o Centro Republicano estava incompatibilizado com o presidente do Estado; não tardaria a derrubar no interior do Estado. Casimiro conspirava para formar a dissidência, que devia ficar com o generalíssimo. Ele, com os demais conjurados, porém, continuava a cercar o Chico Herculano, que suspeitara somente do Casimiro, sem dar aliás a perceber a sua desconfiança. Alípio é que foi recebido com um grande alvoroço: um homem que conhecia pessoalmente o Lucena, que o freqüentava, que recebia cartões dele. (Durante a moléstia do promotor, Casimiro descobrira entre os seus papéis um cartão em que se lia: “O barão de Lucena agradece as felicitações.”) Casimiro pôs o cartão no bolso e mostrou-o à Ipuçaba em peso.

Pela manhã, quando Alípio abriu as janelas da rua, o escrivão, que andava, desde seis horas a trocar pernas na vizinhança, entrou pelo quarto com uma vivacidade de rato. E informou que a cisão estava preparada: mais de metade do diretório estava pronta a permanecer fiel ao generalíssimo, pois havia-se de abandonar o pobre homem, que se levantara do seu leito de enfermo para fazer a República? Só ingratos e renegados eram capazes de pagar assim tão grande sacrifício. Indigno era o procedimento do Centro Republicano. Era a revolta da criatura contra o criador. Conversara com o Mendonça, e este combinara tudo com o João Ferreira. Alípio podia contar com um lugar no futuro Congresso, porque o atual, diziam, seria dissolvido.

Mas Alípio respondeu-lhe friamente que estava dissuadido de qualquer iniciativa política em Ipuçaba. Iria à Capital tratar de uma colocação e só voltaria para casar-se.

— Mas o senhor casa-se realmente com a filha do Asclepiádes?!

— Caso-me; por que pergunta desse modo?

— Por nada... É que pensava... Com as suas idéias... Demais, essa história da professora...

— Que história, homem? Tive com ela um namoro sem consequência. Não me comprometi, nem a comprometi, que me coaste. Tudo passou, e agora vou casar-me com a Florzinha. E a propósito da professora: que é feito do *Florencanti*?

— Está aí arrancando dentes e comprando cavalos. Vai todas as noites à casa da professora: está com uma paixão roxa! Disse-me que casa com ela.

Alípio sorriu; mas depois, com um ar preocupado, perguntou lentamente, coçando o queixo:

— Ah! ele fala em casamento? E ela corresponde? Já sabe das intenções do Florêncio? Você tem estado lá com ele?

— Todas as noites. Nunca vi homem de cidade, e já maduro, tão acanhado como o Florêncio. Não vai lá sem mim. É tímido como uma criança!

— O Florêncio acanhado! Então não é o homem que eu conheço. Um pândego, um escandaloso!

— É o mesmo, sim; ele conhece-o bem. É que a paixão é danada! Naquela idade...

— Quantos anos?

— Quarenta e tantos.

— E Bilinha?

— Trata-o com a maior reserva: até de propósito sai à noite para não recebê-lo. E ele volta para casa numa tristeza de fazer lástima. Depois entramos ambos na cerveja, e ele fica lá num sofá, chorando, numa chuva única!

— Qual! a Bilinha não casa com ele.

— Por que não? O Florêncio está ainda durão, e é cada rolo de dinheiro que mete medo! Só em dentes tem feito um cobre onça.<sup>23</sup>

— Não casa, você vai ver.

— Só se de todo ela não quiser. Mas eu acho que quer.

— Faça-me uma coisa, Casimiro, disse Alípio, pondo-lhe a mão no ombro e baixando a voz: quero ir hoje cumprimentar a Bilinha, mas não quero encontrar-me lá com o Florêncio. Você prenda-o de qualquer maneira, invente um passeio, recuse-se enfim a acompanhá-lo, porque eu preciso conversar com ela, no próprio benefício do seu adorador.

---

<sup>23</sup> É adjetivo, no caso. Significa grande, ou forte, considerável. Américo Facó no *Glossário de Dona Guidinha do Poço*, abona com a expressão do romance de Oliveira Paiva: "O poço da catingueira, o mais onça da ribeira do Banabuiú."

— Está feito; basta eu não ir com ele. O diabo é que ele pode ir rondar a vizinhança, conversar com a Benvinda...

— Ah! está amigo da Benvinda?

— Chi! É presentes e mais presentes. E ela quebra lanças pelo casamento.

— Bem; segure o homem; talvez a conferência seja em proveito dele.

— Desses proveitos... caçoou o Casimiro.

— Não, é sério; dou parte a Bilinha do meu casamento, e ela fica livre para consolar os desesperos do Florêncio.

— Será um bom arranjo, se ela estiver pelos autos.

— E a propósito de autos, disse Alípio desconversando, temos hoje o júri do Zé Pipoca. Haverá julgamento?

— Na certa; tem havido uma cabala medonha. E o cabra está no olho da rua por nove votos contra três, sabe?

— É possível?!

— Sem coisa que dúvida faça.

— Então o Chico Herculano...

— Fica no mato sem cachorro.

— Quem lhe manda ser besta!

— Pois é! O Chico Herculano é lá homem para lutar com esse macaco velho do João Ferreira! Se aquele diabo não fosse tão malvado... Porque, quanto a tino, não há em todo o Ceará outro chefe. E tem as suas qualidades: muito amigo da família, muito obsequioso em sua casa, muito religioso...

— É religioso?...

— Pois não! Todos os anos vai à Capital confessar-se, e é muito amigo do Sr. bispo, com quem janta em palácio. Dá sempre esmolas de quinhentos, um conto de réis à Santa Casa. A imagem da padroeira da nossa matriz foi ele quem mandou buscar em Lisboa.

— É curioso! comentou Alípio.

Houve um silêncio, e a paz aldeã, primitiva e profunda, como se se estivesse mergulhado num hiato da vida, caiu sobre a cidade. Apenas o vento zunia monótono, e vagos ruídos de folhagem chegavam a espaços de fora. Eram dez horas.

Casimiro despediu-se e correu à casa do Júri, que era ali perto, como eram perto reciprocamente todos os pontos da pequena cidade.

Apenas se esperava pelo escrivão para dar começo à chamada dos jurados. Casimiro começou a fazê-la pela cópia do edital de convocação, e o meirinho em voz alta repetia a chamada. Zé Pipoca, de calça nova e camisa engomada, sentava-se, entediado, sobre o tamborete, e a seu lado o advogado, um antigo bacharel, Francisco Mirabeau, vindo expressamente de Iguatu, consultava a miúdo a

lista das pessoas que tinha de recusar. O juiz de direito, sempre de calças brancas, calvo e barbeado de fresco, tinha um ar grandemente representativo da majestade da Justiça.

O escrivão leu um nome, o meirinho o repetiu, e um matuto escabriado, barbudo e arrepiado, aproximou-se da mesa, sem saber o que fizesse de seu antigo chapéu com fitinhas pendentes para trás. Alguém tomou-lhe o chapéu, e o homem pegou do encosto da cadeira para sentar-se; mas a voz azeda do advogado bradou: recuso! O matuto, assustado, voltou-se, hesitou um instante e saiu da sala no meio de uma risadaria contida. Depois era o Pinheiro, promotor interino, que recusava um gordo fazendeiro, compadre do João Ferreira. Afinal um sujeito teve assento, novas recusas, sentaram-se outras, e já passava de meio-dia quando o conselho ficou afinal completo. Uns, mais desenvoltos, sorriam para os conhecidos; outros, embatucados, cravavam os olhos na borda da mesa, cofiando a barba ou aconchegando a gravata que se lhe escapara pelo colarinho acima e se cingira ao pescoço nu. Havia vestimentas de estranho aspecto, com seu corte antiquado, suas golas imensas e as abas ridiculamente curtas, umas esverdeadas, outras violáceas pela ação do tempo durante anos sem conta. Com essas contrastavam os trajes mais modernos do feitio, porém de tecidos reles, incapazes de envelhecer, como todas as coisas insignificantes. Conheciam-se os de fora da cidade pelo ar de contrariedade que se casava em seus semblantes com o embaraço de se verem envolvidos nessa trapalhada de julgar a seu semelhante. E estavam todos dispostos a abandonar-se à mercê dos talentos de algum mais instruído que tomasse a si a interpretação e resposta dos quesitos.

Não havia lugar reservado ao público, composto de curiosos da cidade, amontoados no recinto, afogando o conselho, o réu e o advogado num ambiente cálido e mal aromado. O sentimento partidário dominava exclusivamente os circunstantes, dividindo-os em dois grupos rivais, sendo o ferreirista mais numeroso e demonstrando mais animação, mais esperanças na vitória.

João Ferreira não comparecera, mas estavam ali os dois filhos, resolutos, imperiosos, vigilantes, transmitindo a autoridade paterna ao tribunal popular, tão lastimável na sua função mentirosa de instrumento liberal da civilização.

O escrivão começou a leitura do processo. O calor, por fora, do sol, a castigar as paredes, e a exalação de todos aqueles corpos, cingidos uns contra os outros, tornavam o ar da sala asfíxiante. As fardas dos soldados maltrapilhos emanavam um cheiro nauseabundo de caserna e de calabouço. E a voz monótona, quase chorona, do Casimiro ia repetindo coisas que ninguém entendia, à exceção do

promotor e do advogado, que traçavam notas cabalísticas em pedaços de papel e folheavam a espaço o código e livros de praxe procesual. Alguns curiosos rendiam-se ao cansaço, e, abanando-se com o chapéu, furavam a multidão em rumo da escada. Outros persistiam estoicamente nos seus postos, prontos a todos os sacrifícios, para não perderem uma só cena do espetáculo.

Já por volta da tarde foi dada a palavra ao promotor. Sentindo a causa perdida, tendo talvez motivos para não se mostrar implacável, ele acusou frouxamente, por dever de ofício, embora tentasse debalde, uma vez por outra, pôr em relevo os pontos mais comprometedores do libelo. Demais, pondo de parte o espírito partidário, a opinião era favorável ao acusado, uns porque o temiam, outros porque já estavam habituados à fria dialética do Pinheiro, todos porque nutriam dentro de si esse secreto pendor de simpatia que existe no povo para todos os revoltados, para todos os transgressores da lei. E a curiosidade de ouvir o advogado, vindo de encomenda para o torneio e conhecido pelas suas vitórias do foro criminal daqueles sertões, tirava todo o interesse à acusação, penosamente arastada durante uma hora sem fim.

Afinal o advogado levantou-se, muito calmo, articulando lentamente os primeiros períodos num tom covo, inexpressivo, indiferente. A atenção do auditório concentrara-se fortemente; o juiz de direito saíra do seu alheamento bocejante, e o réu erguera a cabeça com um grande desejo de entender. Alguns minutos depois a voz do advogado elevava-se, ganhava sonoridade e retinia já em certas frases de efeito. Vinha depois uma nova atenuação de tom, um abrandamento da dicção e do gesto. Depois uma pausa, um gole d'água, um enxugamento do suor. Mas uma torrente de palavras jorrava de súbito, as tónicas de cada frase eram gritadas, as feições do orador descompunham-se em esgares de louco, as suas mãos se agitavam convulsas, enquanto os jurados, interditos, arregalavam os olhos, e o auditório vibrava eletricamente.

A defesa era um panegírico do prestígio, das virtudes, da benevolência do João Ferreira. Não podendo feri-lo pessoalmente, os seus inimigos, guindados pelo acaso de uma revolução às posições oficiais, feriam-no perseguindo esse pobre homem, que lhe era dedicado em reconhecimento dos favores que recebia do homem forte e generoso a quem Ipuçaba devia os maiores e mais dedicados serviços. Felizmente o dia da grande justiça não tardava muito, já entreviam os clarões da aurora da regeneração do régimen político que aceitara, fazendo um voto sagrado de servi-lo, servindo aos superiores interesses da Pátria. A República ia fazer justiça ao mérito, entregando os seus destinos naquela localidade ao único ho-

mem capaz de pô-la em prática leal e abnegadamente. Houve alguns “apoiados” e “bravos” à meia voz. O juiz protestou contra essas manifestações ameaçando fazer evacuar a sala.

Mas Mirabeau continuava, chegara à peroração e tornara-se positivamente tempestuoso. O auditório ofegava por ele, infatigável, inacessível à rouquidão e à lassidão muscular. Anoitecia quando o conselho entrou para a sala secreta. Voltando uma hora depois com os quesitos respondidos. Um mais atilado e prático preparara as respostas, os outros concordaram, à exceção de três que queriam deliberar por si. O juiz proclamou a absolvição por nove votos contra três. Os nove libertadores do Zé Pipoca foram jantar em casa do João Ferreira, e da calçada começaram a subir foguetes sem conta por entre os hinos triunfais com que a banda de música enchia os ares de Ipuçaba.

Casimiro, de passagem, dera os parabéns a um dos filhos do João Ferreira, recebendo um agradecimento seco mas sem hostilidade. Os amigos do Chico Herculano, murchos e afetados, foram levar-lhe a ruim nova, sentindo todos que o chão oscilava sob os seus pés e era irremediável o desmoronamento do jovem partido. Inútil lutar com o João Ferreira: o miserável parecia ter pacto com o diabo. Mas então para que se fizera essa tal República? Para continuar o município entregue ao despotismo de semelhante bandido? Que cada um tratasse de se pôr a salvo dos botes da fera que ia de novo talar os campos de Ipuçaba! disse o professor Agrela ao seu vizinho, caminhando para casa, enquanto os foguetes do João Ferreira listravam de fogo o céu e detonavam no espaço, ermo de estrelas e silente, como uma alcova deserta.

Casimiro foi à venda do Lucas à procura do Florêncio, com quem combinara encontrar-se ali depois do júri. O dentista e cavalariano estava sentado a uma mesinha no fundo da venda, tomando cerveja com um rapaz da terra. Ainda moço, barba inteira, estriada de raros fios brancos, olhar inquieto, gestos vivos, muito loquaz, com sua fisionomia sempre dominada por um pensamento absorvente, Florêncio não apresentava exteriormente os característicos da sua índole inconstante e aventureira. Quanto à conduta moral, tinha uns certos pontos em que alardeava e mantinha realmente um brio intransigente, enquanto noutros claudicava com a maior sem-cerimônia. Fora sempre muito cavalheiro com mulheres; vivera com a sua numa união irrepreensível, até o dia em que ela, cansada de enganá-lo, abandonou-o. Apesar disto, não poupou sacrifícios para salvá-la da moléstia que a matou. Muito correto também em política: sustentara lutas tremendas ao lado de José

Mariano e ostentava cicatrizes que relembravam renhidas e gloriosas campanhas eleitorais. Em negócios, porém, não conhecia escrúpulos.

— Ora, seja bem-vindo o nosso grande Casimiro! Então já acabou a peça? O vício foi castigado?

— Não, o vício saiu impune por nove votos contra três.

— Nove! Pobre coronel Chiquinho! tão moço e já no ostracismo! E gritando para o caixeiro:

— Traze mais cerveja! que este camarada deve estar com a goela em brasa.

— Ah! que estafa! Li cento e tantas laudas de almoço e passei dez horas naquele forno! Venha a cerveja.

O outro companheiro retirara-se.

— E depois vamos dar o nosso passeio higiênico.

— Não vamos à casa dela hoje.

— Por quê?

— Estou cansado, indisposto. Hoje não conte comigo.

— Só um instantinho. . .

— Sei o que são os instantinhos dos namorados. Jejeue por hoje, meu amigo. Demais, ela pode estar incomodada. Passei lá pela manhã, e ela queixou-se de enxaqueca. Vamos ao sete-e-meio do Lucas, valeu?

— Mas podemos fazer as duas coisas: passa-se por lá e depois vai-se ao Lucas.

— Que homem teimoso! Ela está doente, criatura. Estava tudo às escuras agora mesmo e aberta só uma banda da janela.

Florêncio suspirou e submeteu-se. Casimiro começou então a narrar as peripécias do júri, o sucesso do Dr. Mirabeau, nome que o juiz pronunciara à portuguesa. E às nove horas, radiantes de uma alegria suspeita, os dois encaminharam-se diretamente para o sete-e-meio do Lucas.

Alípio a essa hora falava de Florêncio a Bilinha. Houve primeiro uma cena penosa, que terminou por uma abundante efusão de lágrimas. O amante de Bilinha não conseguira elaborar um plano prévio e fora para ali sem nenhuma resolução assente. Agiria conforme as circunstâncias, à vista do estado de espírito em que encontrasse a sua vítima. Vítima? Julgando-se com toda a sinceridade, não podia considerá-la como tal; sua cúmplice é que ela era. Por que não haver responsabilidade recíproca em coisas dessa natureza? Concorreram no ato duas forças que se atraíam com a mesma intensidade; se uma das entidades sofria conseqüências nocivas, a



culpa era das convenções sociais, que tinham criado para a mulher essa situação absurda e contrária à natureza. Não a iludira com promessas; desejava-a, ela acedeu, folgaram os instintos, estava acabado!

Mas os seus raciocínios rebeldes caíram diante das dolorosas recriações da rapariga.

— Está noivo, não é assim? E eu? Fico para aí como um sobejo, que ninguém quererá, a não ser os viciosos que nada enjeitam. Está aí um homem que me esposaria, mas que me desprezará quando souber tudo.

— Quem sabe? aventurou Alípio, baixando os olhos.

Bilinha fulminou-o com um olhar de desprezo.

— Mas eu preferiria morrer a confessar a minha falta e não quero, nem poderia enganá-lo. Ah! meu Deus! como se passa tão depressa da felicidade para a desgraça, sem remédio, para todo o sempre!

E o pranto veio, convulso, transbordante, traduzindo um infinito e cruciante desespero.

Alípio, comovido, não se animava a fazer um gesto, nem a balbuciar uma palavra. Com o cotovelo sobre a mesa redonda, a fronte apoiada na mão, num gíngar nervoso da perna, que fazia ranger insistentemente a botina, ele ficou a olhá-la, a olhá-la, foi esquecendo a dor que a pungia na contemplação desse corpo que já gozara, e pouco a pouco parecia surdir desnudo, provocante, de uma dobrada sensualidade fremir assim nas contrações dos soluços.

— Acalma-te, filha, disse por fim, tomando-lhe a mão e acariciando-a. Esta história de meu casamento não é tão certa como contam. Essa maldita moléstia colocou-me numa situação muito especial. Apanharam-me em estado de não poder opor a menor resistência, carregaram comigo para a fazenda, só faltaram arranjar-me um casamento *in extremis*. Meu tio por um lado, o Asclepiades por outro... eu fraco, entregue de pés e mãos àquela gente... E, demais, ressentido contigo, que não tomaste o menor interesse pela minha saúde...

— É falso! bradou Bilinha com veemência, descobrindo o rosto ensofado de lágrimas e transmutado pelo fulgor estranho dos olhos. Mandei lá a Benvinda... maltrataram-na... quase a botaram pela porta afora... Eu pedia sempre notícias ao Casimiro... quis escrever, mas receei que interceptassem a carta...

As suas palavras eram cortadas frequentemente pelos ecos dos soluços extintos, como lufadas de um temporal que se afastava.

— Perdoa, então, o mau juízo que fiz de ti. Se soubesses quanto me doía pensar que me abandonarás quando eu me julgava perdido!

— Você pensava isso e eu aqui a chorar por sua causa, passando os dias sem comer e as noites sem dormir. Deus sabe com que sacrifício eu aparecia e falava às pessoas que vinham a esta casa.

Cortou-lhe a voz uma nova crise de pranto, desta vez mais brando, com alguma coisa de infantil na sua dolência desconsolada. O rapaz colheu-lhe de novo a mão, que tentou uma fraca resistência, enquanto se punha a alisar-lhe a cabeça pendida sobre o braço da espreguiçadeira. Na treva profunda e dormente da rua estrondavam de quando em quando os foguetes queimados à porta do João Ferreira, e vagos sons de música vinham por vezes nos sopros intermitentes da viração noturna. Mariposas voejavam em torno do candeeiro e precipitavam-se na chaminé, queimando-se e fazendo estremecer a chama, cuja claridade se entremeava de fugitivas ondulações escuras. Alípio compreendeu a exatidão da velha imagem lírica, que compara as mariposas com as virgens, que perecem nas chamas do amor. Ele era a chama, Bilinha a mariposa: precipitou-se, queimou as asas, caiu. Mas não, não era o mesmo caso; não se sentia tão irresponsável quanto a chama, que é imóvel, que não procura a vítima, que não pode iluminar sem queimar também. Outro mais escrupuloso conviveria com Bilinha anos inteiros sem perigo. O Florêncio, um sujeito desabalado, tratava-a com respeito e queria-a para mulher. Ora, esse Florêncio bem podia casar com Bilinha, apesar dos pesares... Inventar-se-ia uma história... Mas que história? Havia de pensar nisso depois...

Bilinha ia por sua vez desdobrando séries e séries de cogitações, e chegou a um ponto bem desagradável por certo, visto como arbatou a mão dentre as de Alípio, aprumou-se na cadeira e cruzou os braços.

— Vai à Capital breve? perguntou ela depois de algum silêncio, num tom humilde e magoado.

— Vou; quer ir comigo? disse ele brincando.

— E quando volta... para casar-se? prosseguiu, sem responder à sua graça.

— Sei apenas de minha viagem; quanto à volta e ao casamento, são mistérios que pertencem ao futuro. Ainda não pedi moça.

— Quer fazer-me um grande favor?

— Tudo o que eu for capaz de fazer, filha.

— Peça a minha transferência daqui, para a Capital, se for possível, se não para Maranguape, Pacatuba ou Baturité.

— Pois sim.

— Mas de maneira que eu possa ir embora nestes dois meses.

— Está dito.

Isto não implica a minha idéia de casá-la com o Florêncio, pensava Alípio, em cuja imaginação começava a esboçar-se um plano salvador, também não implica... pois que o mal está feito...

Ultimamente, na faina de obsequiar o Florêncio com o fito de “agarrá-lo para Bilinha”, a Benvinda, que era mestra em diplomacia casamenteira, mandava todas as noites farta provisão de bolinhos e dos seus afamados beijos, em cuja preparação punha agora um esmero particular; de maneira que o antigo café simples que vinha à sala em bandeja se transformara em ceia na sala de jantar, onde o Florêncio, o Casimiro, Bilinha e a mãe, agora reabilitada por ter a filha descido ao seu nível, conversavam até tarde da noite. Ouvia-se de dentro o arrastar dos chinelos de D. Maria Lina, o tinar de louças, e, por fim, ela veio anunciar que estava pronta a ceia. E teve um sobressalto encontrando Alípio em vez do outro.

— Ah! doutor, é o senhor?

— Eu mesmo, D. Maria, como tem passado? disse, levantando-se e apertando-lhe cortesmente a mão.

— Bem, obrigada, e o senhor está bom de todo, não é assim?

— Perfeitamente.

— Vê-se logo: não parece que esteve doente; acho-o até mais gordo.

— É verdade.

E, mudando de tom, a velha disse, movendo com a cabeça para o lado do corredor:

— Vamos tomar café?

À mesa, Alípio contou toda a sua moléstia desde o primeiro dia, a viagem, a piora que teve na Varjota, a melhora, a convalescença; falou-se depois do júri desse dia e das coisas da terra, das quais D. Maria Lina estava muito a par, graças à reportagem da Benvinda. Insensivelmente Bilinha interessava-se pela palestra, que era um fraco seu, respondia, completava as informações da velha. Esta, pouco a pouco, foi emudecendo e entrou a abrir disfarçadamente a boca. O sono e a necessidade de fumar a sua cachimbada depois do café obrigaram-na a retirar-se.

— Bem, boa noite, estou muito cansada.

Ergueu-se, foi pelo corredor afora e, com assombro de Bilinha, fechou, por sua conta e risco, as portas da rua.

## CAPÍTULO XV

NO DIA SEGUINTE, logo cedo, soube-se que na parede da casa do Chico Herculano amanhecera pintada uma grande cruz negra, tendo